

## ASTÚCIA E MALANDRAGEM EM “O COMPRADOR DE FAZENDAS”, DE MONTEIRO LOBATO



## CUNNING AND TRICKERY IN “O COMPRADOR DE FAZENDAS”, BY MONTEIRO LOBATO

SUSYLENE DIAS DE ARAUJO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO  
SUL, Brasil

ROGÉRIO FRANCISCO DOS SANTOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO  
SUL, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 29/09/2018 • APROVADO EM 13/02/2019

---

### Abstract

---

This article aims to find traces of picaresque in characters of the short story “O comprador de fazendas”, by the Brazilian writer Monteiro Lobato. In this way, it is emphasized pícaros’ configuration from Spanish Literature from XVI and XVII centuries and its resurgence in Brazilian literature as neopícaros, with points of similarity and also divergence from its Spanish ancestor. To carry out this analysis, we take as a starting point theoretical aspects of classical picaresque in

consonance with characteristics of Brazilian trickster character's formation. We will use the studies by Candido (1970), González (1994), Botoso (2010) and DaMatta (1990) as theoretical support. Trickster character's actions will be highlighted to get advantages through deception and cheating, which are the same means used by Spanish pícaros in Spain in the past.

---

## Resumo

---

Este artigo tem por objetivo encontrar traços dos pícaros nos personagens do conto "O Comprador de fazendas", do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Dessa maneira, ressalta-se a configuração dos pícaros da literatura espanhola dos séculos XVI e XVII e o seu ressurgimento na literatura brasileira como neopícaros, com pontos de semelhança e também de divergência em relação ao ancestral espanhol. Para a realização desta análise, tomamos como ponto de partida aspectos teóricos da picaresca clássica em consonância com características da formação do personagem malandro brasileiro. Pautar-nos-emos pelos estudos de Candido (1970), González (1994), Botoso (2010) e DaMatta (1990) como suporte teórico. Serão ressaltadas as ações do personagem malandro para conseguir vantagens por meio do engano e da trapaça, que são as mesmas armas que o pícaro clássico usava na Espanha no passado.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Trickster. Neopícaro. Brazilian Literature. Monteiro Lobato. Spanish Literature.

**PALAVRAS CHAVE:** Malandro. Neopícaro. Literatura Brasileira. Monteiro Lobato. Literatura Espanhola.

---

## Texto integral

---

O conto "O comprador de fazendas" (1917) foi escrito por Monteiro Lobato, e fala com clareza do sertanejo no interior brasileiro das primeiras décadas do século XX e das grandes devastações do meio ambiente, desligado de temas da fantasia e do pitoresco que até então se vinha abordando nas obras de cunho romântico<sup>1</sup>.

Monteiro Lobato escreve o conto em um momento de grandes transformações sociais e econômicas no país, era o momento em que se iniciava o processo de industrialização e o aumento gradativo das populações nos grandes centros, em detrimento do grande poderio agrário que predominava até então por conta das grandes exportações de café, borracha, algodão e cacau.

Neste mesmo contexto histórico, o Brasil passou por um desenvolvimento industrial e urbano no qual muitos camponeses deixaram o meio rural para adentrar-se nos centros urbanos, ressaltando que o meio rural permanecia nas

mãos dos grandes latifundiários. O país passou por um processo de urbanização das cidades, necessitando de mão de obra barata, o que provocou maior atração populacional, até mesmo em decorrência das condições trabalhistas bem presentes no campo.

O conto acima citado faz parte da obra *Urupês*, que foi escrita em pleno período Pré-modernista, e na qual o autor traz à tona traços da realidade voltada para um regionalismo crítico e realista dos fatos que permeavam o meio social, no caso de Lobato, temas relacionados ao desmatamento e à degradação da natureza, temática recorrente nos escritos do autor em questão por conta dos fundos moralizantes e didáticos de suas obras. O autor traz, com irreverência, ao cenário nacional, uma obra de arte com traços predominantemente abrigados por meio de sua escrita, desvinculados de traços formais europeus.

O escritor José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882. Foi alfabetizado inicialmente por sua mãe, mas depois chegou a frequentar a escola e formar-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco. Durante seu tempo de faculdade, Monteiro Lobato já escrevia artigos para jornais sobre assuntos diversos, sendo muito elogiado por seus comentários irônicos e originais<sup>2</sup>.

Quando tinha 29 anos, seu avô falece e Monteiro Lobato herda a Fazenda Buquira. Em 1914, o jornal *O Estado de São Paulo* publica uma produção de Lobato chamado “Velha Praga”, que seria um dos contos publicados posteriormente no seu primeiro livro *Urupês* (1918). A publicação desse texto dá início à longa e prolífera carreira literária do escritor.

Monteiro Lobato foi um dos maiores escritores brasileiros do século XX e sua obra é composta por dezenas de contos, artigos, críticas, traduções e romances. Além disso, é considerado o inventor e maior escritor de literatura infanto-juvenil do Brasil, publicando 23 obras na coleção *Sítio do Picapau Amarelo* e mais diversas outras avulsas. Suas principais obras para adultos são: *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920)<sup>3</sup>.

Levando-se em conta o exposto, o nosso objetivo é encontrar e apontar elementos que nos permitem considerar os personagens do conto “O comprador de fazendas” como malandros ou neopícaros, segundo os postulados teóricos de Mario Miguel González (1988, 1994).

No conto mencionado, narra-se a história da tentativa de venda da Fazenda Espiga da família de Davi Moreira de Souza, de sua esposa Isaura e seus filhos Zico e Zilda. Assim, nossa proposta é examinar os personagens malandros e a sua atuação em “O comprador de fazendas”.

Para a realização desta análise, tomaremos como ponto de partida, em um primeiro momento, aspectos teóricos da picaresca clássica em consonância com características da formação do personagem malandro brasileiro. Dessa maneira, pautar-nos-emos pelos estudos de Candido (1970), González (1994), Botoso (2010), DaMatta (1990). Serão observadas as ações e o discurso que é próprio do personagem malandro e que por sua vez é quem sustenta e estrutura o desenrolar dos fatos na narrativa selecionada.

## 1. Da tradição clássica picaresca ao neopícaro brasileiro

O presente artigo tem como intenção apontar traços que nos permitem classificar os protagonistas do conto, o vendedor da fazenda Espiga, Sr. Moreira e o personagem principal que supostamente teria interesse na sua compra, Pedro Trancoso de Carvalhais Fagundes, o “Trancosinho”, como sendo neopícaros, devido a sua atuação dentro da narrativa.

Iniciemos nosso estudo, realizando uma breve reflexão a respeito do que é o romance picaresco e a caracterização de seus personagens. Em Botoso (2010a, p. 02) podemos perceber que

o romance picaresco é uma modalidade literária que abrange um conjunto de obras escritas na Espanha, nos séculos XVI e XVII. Seu eixo centra-se no pícaro, personagem de baixa condição social, que procura ascender socialmente, por todos os meios possíveis: a trapaça, o engano, o roubo, o rufianismo.

Como tem uma vida baseada na mentira, na trapaça e no roubo, é uma figura que sempre vive na itinerância, precisando se deslocar sempre e assumir uma nova máscara, uma vez que precisa estar sempre em movimento para poder configurar suas novas estratégias de sobrevivência, junto a uma nova clientela que será alvo da sua picardia. São personagens individualistas que vivem em situações miseráveis, lutando sempre pela subsistência. Dessa maneira, a itinerância torna-se uma característica muito forte nesse tipo de personagem, uma vez que precisa sempre se deslocar por conta de suas ações, como podemos constatar em Botoso (2010c, p. 31): “estes personagens jamais se fixam durante o percurso da narrativa, seja por suas más ações, que fatalmente o conduzem à rua, seja pelo próprio prazer que encontram no nomadismo da vida picaresca”.

É importante ressaltar que neste momento histórico (séculos XVI –XVII), a Espanha vivia seu auge, enquanto nação possuidora de poder sobre muitas outras, por conta da exploração das colônias e de suas riquezas. Enquanto isso, muitos países da Europa estavam em pleno momento fértil por conta do grande crescimento do capitalismo, atrelado ao comércio e às grandes navegações. No entanto, a Espanha não acompanhou o restante da Europa, uma vez que não favorecia o comércio interno e considerava o ato de trabalhar como algo desonroso e como sendo uma atividade que não se destinava à nobreza. O trabalho era relegado aos mouros e judeus e mesmo estes acabam sendo expulsos da Espanha, acarretando um enorme prejuízo para a nação espanhola.

Ressaltamos que as obras que compõem o núcleo clássico da picaresca são: *Lazarillo de Tormes*, de autor anônimo, publicada em 1554, *Guzmán de Alfarache*, de Mateo Alemán, cuja primeira parte apareceu em 1599 e a segunda, em 1604, e *El Buscón*, de Francisco de Quevedo, que vem a público no ano de 1626, e que para González (apud Botoso, 2010b, p. 6) podem ser compreendidas da seguinte maneira: “a primeira obra mencionada é claramente o germe da picaresca, a segunda costuma ser entendida como o protótipo dessa modalidade narrativa e a terceira é uma espécie de distorção paródica das suas possibilidades”. Tais obras

trazem em seu cerne o foco narrativo em primeira pessoa, no qual o narrador é personagem e toma para si o ato de contar uma história regada de caracteres de um verdadeiro anti-herói, nascido em uma sociedade que do início ao fim não lhe dá oportunidades de ascensão, uma vez que o pícaro sempre irá depender de seus amos para se alimentar e sobreviver.

De modo semelhante, os personagens malandros, que podem ser considerados como uma reinvenção do pícaro no Brasil e, em muitos aspectos, com uma roupagem nova, sofrem sempre as mesmas desgraças ou má sorte que os pícaros, sendo em sua maioria órfãos e abandonados ao acaso, necessitando ser astutos e espertos para não passar fome e conseguirem sobreviver.

O sociólogo Roberto DaMatta (1990, p. 216) pondera que “[...] o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e altamente individualizado, seja no modo de andar, falar ou vestir-se”. Desse modo, ele é um ser instalado fora da ordem que rege as instituições e os mecanismos sociais e busca tirar vantagens de todas as situações para garantir o seu sustento, assemelhando-se ao personagem picaresco, que agia dessa mesma forma na Espanha dos séculos XVI e XVII.

Pode-se dizer que o “novo pícaro” também possui o desejo de ascender socialmente, porém quase nunca o consegue, uma vez que não gosta de trabalhar, prefere mais a galhardia e a vida boa. Esse personagem, na ficção brasileira, foi cunhado de “neopícaro” e, a esse respeito, conforme assinala González (1994, p. 287),

um dos aspectos mais interessantes naquilo que chamamos de “neopicaresca” é, exatamente o fato de que não aparece como continuação da picaresca clássica mas como utilização – muitas vezes involuntária – de uma fórmula literária clássica devidamente atualizada para representar um contexto histórico cujas condições socioeconômicas são equivalentes àquelas em que a picaresca clássica se manifestou.

Nesse sentido, é possível considerar que os personagens protagonistas do conto “O comprador de fazendas” são neopícaros pela sua atuação dentro do relato e por se preocuparem somente consigo mesmo e com o lucro ou vantagem que irão obter. Dessa maneira, astutos e ardilosos, eles tentam enganar uns aos outros e desvelam o seu individualismo, o seu egoísmo e as artimanhas que regem uma sociedade pautada pelo princípio de se tentar levar vantagem em tudo.

## **2. Enganos, traças e ardis: as armas dos personagens lobatianos**

No conto “O comprador de fazendas” (2008, p. 132-145), Monteiro Lobato utiliza-se de um narrador em terceira pessoa, diferentemente do que se observava no núcleo clássico picaresco. Outro ponto a se destacar é o próprio nome do conto, que se torna sugestivo, uma vez que o país vivia um momento de transformação

social graças ao início do processo de industrialização e do crescimento das cidades em detrimento de um Brasil agrário um pouco enfraquecido por conta dos desmandos dos grandes senhores de terra, das situações de empobrecimento do solo e das condições climáticas para o desenvolvimento da agricultura e pecuária.

Diante de tal situação e do tema em questão é relevante questionar: Quem neste momento poderia comprar e tornar-se dono de uma fazenda a não ser alguém que tivesse dinheiro e por ela pudesse pagar? Sendo assim, abordaremos os personagens Moreira e Trancosinho – “vendedor x comprador”. No enredo do conto, vemos o desespero do personagem Davi Moreira de Souza e de sua família, a esposa Isaura, o filho Zico e a filha Zilda, para vender a fazenda e conseguir saldar suas dívidas, já que a fazenda era improdutiva tanto no tocante à agricultura por conta da seca, quanto à pecuária devido às pragas que assolavam o rebanho. Moreira então já desanimado de tanto ver a reação de seus compradores, conforme se nota no fragmento que segue: “Iludidos por anúncios manhosos, alguns pretendentes já haviam abicado à Espigão, mas franziam o nariz, indo-se arrenegar da pernada” (LOBATO, 2008, p.134), e no desespero de sempre ouvir que “de graça é caro” (LOBATO, 2008, p. 134, grifo nosso), decide arquitetar um novo plano com a intenção de se desfazer da fazenda, uma vez que a honestidade não tinha contribuído muito para a resolução de seu problema, resolve, por meio da mentira e da trapaça e de alguns arranjos no cenário da fazenda, vender algo que só lhe rendia problemas. Dessa maneira, o personagem resolve:

[...] entreverar de caetés, cambarás, unhas-de-vaca e outros padrões de terra boa, transplantados das vizinhanças, a fimbria das capoeiras e uma ou outra entrada acessível aos visitantes. Fê-lo, o maluco, e mais: meteu em certa grota um pau d’alho trazido da terra roxa, e adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, no suficiente para encobrir a mazela do resto. Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vício da terra, ali o alucinado velho botava a peneirinha... (LOBATO, 2008, p.134).

Nesta passagem da narrativa, podemos perceber que mesmo o personagem sendo o fazendeiro e estando em uma condição social de possuidor de bens, porém abandonado por seus governantes, aproxima-se do personagem pícaro no tocante à mentira, à trapaça, e ao tirar proveito, podendo ser considerado como um neopícaro, de acordo com as formulações de Mario Miguel González (1994).

O personagem Moreira busca uma posição cômoda e vantajosa, sua intenção é vender suas terras, mesmo que por meio da mentira e sair de uma situação de crise financeira, avançando socialmente com sua família e agregados. A realização da venda beneficiaria a todos, uma vez que entraria dinheiro, o qual resolveria mesmo que momentaneamente os problemas de todos. Percebemos aqui um personagem levado a agir pela desonra por conta de uma situação que lhe é causada pelo início da ascensão capitalista industrial. Era o momento do crescimento das cidades e do enfraquecimento das atividades campestres que até então eram responsáveis por grande parte da exportação de bens e serviços do país.

Passando por essa situação de miserabilidade e sendo deixado ao acaso, temos aqui um retrato de um personagem que poderia estar lutando para safar-se de algo muito simplório, mas que para o personagem neopícaro era motivo para o engano e a trapaça para atingir uma situação social mais favorável. Conseguimos pontuar no conto que Moreira é um anti-herói, que se dá conta da grave crise nacional, e que apela para a mentira e para o desejo de enganar para mudar de vida.

Mais adiante, em outra passagem do conto, quando avisado por um agente de negócios da cidade que haveria novo comprador para a propriedade, Moreira além de se apegar às transformações que havia feito na fazenda e que eram irreais, prepara os seus funcionários por meio de um discurso mentiroso, típico do malandro para que transmutassem em maravilhas as ruindades de Espiga, devido ao fato de suspeitar que o interessado na compra fosse consultar os outros moradores da fazenda:

Tem geada por aqui?  
— Coisinha, e isso mesmo só em ano brabo.  
— O feijão dá bem?  
— Nossa Senhora! Inda este ano plantei cinco quartas e malhei cinquenta alqueires. E que feijão!  
— Berneia o gado?  
— Qual o quê! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar, não existe terra melhor. Nem erva nem feijão bravo. O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios, e isto virava um fazendão. (LOBATO, 2008, p.135).

Vemos nesta passagem com clareza que os poucos empregados que ainda restavam nas fazendas do interior brasileiro, vivendo em condições mínimas de sobrevivência, postos em condições miseráveis de vida e estadia, com o mínimo para alimentação, também estavam sendo corrompidos pela farsa, pela mentira e pela trapaça. O cenário de desolamento das grandes fazendas, o êxodo constante de trabalhadores para o campo das indústrias nos recentes centros urbanos e, portanto, o aumento da pobreza e da miséria tornam-se aqui o solo adequado para o nascimento de uma gama de “malandro caboclos” como visionava Lobato em sua nova acepção de ver um homem mais regionalista e real, aproximado à imagem de um brasileiro nato.

Este episódio em que Moreira ensina seus lacaios a mentir sobre as qualidades e benfeitorias de sua propriedade, nos faz lembrar a situação econômica da Espanha arruinada no século XVI e XVII por conta de não desenvolver o capitalismo junto ao comércio e a força do trabalho da burguesia, de somente assegurar privilégios à nobreza e de não ver “nem o comércio, nem o trabalho como coisas nobres” (CARRILHO apud BOTOSO, 2010c, p. 20). O que restava então para a grande parcela da população empobrecida era apelar para a astúcia, o engano, para poder sobreviver.

Nessa primeira parte do conto, até o momento em que supostamente surge a figura de um comprador para a fazenda, nas inter-relações e nos diálogos existentes entre o narrador e os diálogos dos membros familiares e agregados,

vemos um jogo de interesses, que busca a solução de um problema concreto – a miserabilidade do fazendeiro e sua família - e a resolução para essa situação seria lesar alguém. Nesse sentido, como bem exemplifica Candido (1970, p. 68):

o malandro, como o pícaro, é uma espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores, pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si que o afasta do pragmatismo dos pícaros, cuja malandragem visa sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução.

De fato, se formava um ambiente propício para as configurações de seres sociais malandros, que buscam por meio da astúcia sua sobrevivência na sociedade. Eram, conseqüentemente, seres mais reais, desligados da atmosfera romântica que permeava as obras do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX. E nesta perspectiva, observamos nesta primeira parte do uma recorrência, um afunilamento das condições dos personagens que se encaminham para a malandragem como saída de seus problemas, em um novo espaço antes visto como bucólico, paradisíaco, o rural, que irá, na sequência da narrativa, se reafirmado com a chegada do suposto comprador da Fazenda Espigão, Pedro Trancoso de Carvalhais Fagundes, o “Trancosinho”.

No conto em questão vemos uma característica diferenciada das narrativas picarescas que apontamos, uma vez que a recorrência a este personagem sempre fora o espaço urbano e agora vemos aqui um sujeito que agia nos espaços simples e rurais, talvez porque durante um bom tempo, este meio teve seu poderio financeiro muito difundido, servindo de atrativo para o personagem que, munido pela mentira e pela trapaça, aproveitava-se, vivenciando dias de descanso e conforto, além de usufruir da companhia e de romances com as empregadas ou filhas dos donos das fazendas, além de outros proveitos materiais.

Na descrição de Moreira aos demais moradores da fazenda, Trancosinho era um “moço... Bem trajado... Chapéu panamá... Parece o Chico Canhambora.../Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante, mais que quantos até ali aparecidos” (LOBATO, 2008, p. 136). Destacam-se, assim, em sua figura, a aparência e a habilidade de “falar bem”.

Já de início, as características pessoais com as quais o personagem é descrito, levam-nos a pensar na figura do malandro brasileiro, uma vez que este sendo pobre e necessitado suprir suas necessidades, apresenta-se com garbo e elegância, bem trajado, educado, mostra-se bem concatenado com os assuntos sociais de seu interesse e que favorecem a sua estratégia de enganar e mentir para conseguir atingir seus intentos. Outra característica recorrente é o acessório do “Chapéu Panamá”, muito utilizado pela figura do malandro carioca do século XX. Podemos perceber que há no malandro forte recorrência de elementos que vão desde os acessórios, até as características físicas e psicológicas, que podem levá-lo a se transformar em um marginal pleno.

Outro ponto forte, que nos remete à figura do malandro é o fato de Trancosinho ficar à vontade no espaço no qual é bem aceito. Esta situação se torna cômoda, pois ele se farta com o banquete feito por Isaura, no qual lhe é servido “galinha ensopada, o tutu com torresmo, o pastel e água do pote”, na sequência dessa refeição, observamos que há uma admiração exacerbada de Trancoso, quase que falsa com relação ao que vira no passeio feito com Moreira ao longo da fazenda, deixando o vendedor um tanto desapontado, pois acostumara-se sempre com pontos negativos apontados por outros compradores, mas com este foi diferente, como podemos comprovar no fragmento transcrito abaixo:

Em face do pau d’alho, culminou-lhe o assombro.

— É maravilhoso o que vejo! Nunca supus encontrar nesta zona vestígios de semelhante árvore! — disse, metendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa, abriu-se com a velha:

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito à minha expectativa. Até pau d’alho! Isto é positivamente famoso!...

Dona Isaura baixou os olhos. (LOBATO, 2008, p. 139)

Comida e dias de conforto são para o malandro o sabor de uma vida vadia que vai encaminhando-se sem muita preocupação com o trabalho e, à medida que se faz necessária, esta situação se repete em outro espaço por meio da itinerância que lhe é peculiar por conta de sua sobrevivência.

Outra característica presente no personagem neopícaro e que se encontra ausente no pícaro espanhol é o desejo e interesse por uma mulher. No conto, Trancoso se interessa por Zilda, a filha solteira de Moreira, enquanto na tradição clássica, notamos a misoginia do pícaro ou, quando muito, um casamento por interesse, no qual a mulher é objetificada e, em várias ocasiões, é compartilhada com outros homens. No conto de Lobato, observamos que Trancosinho realmente apaixonou-se por Zilda:

O senhor é um poeta! — exclamou Zilda a um regorjeio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrelas do céu, ao lado de uma estrela da terra?

— Pobre de mim! — suspirou a menina, palpitante.

Também do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a uma nuvem que fazia no céu as vezes da Via Láctea, e sua boca murmurou em solilóquio um rabo d’arraia, desses que derrubam meninas:

— O amor!... A Via Láctea da vida!... O aroma das rosas, a gaze da aurora! Amar, ouvir estrelas... Amai, pois só quem ama entende o que elas dizem. (LOBATO, 2008, p.139-140)

Entre uma passagem e outra e surpreendidos com a imagem que Trancoso fez da propriedade, a família entra em alvoroço na organização do que seria a vida após o fechamento do negócio, menos Zilda que estava encantada e ficava

sonhando acordada com os galanteios do moço, como podemos notar na seguinte passagem:

Que noite aquela! Dir-se-ia que o anjo da bonança distendera suas asas de ouro por sobre a casa triste. Via Zilda realizar-se todo o Escrich deglutido. Dona Isaura gozava da possibilidade de casá-la rica.

[...]

“E Zilda? Essa vogava em alto mar de um romance de fadas. Deixemo-la vogar”. (LOBATO, 2008, p. 140-141)

Chegando enfim o dia da partida, o malandro se despede consternado de não poder prolongar aquela deliciosa visita, mas declarou que dentro de semanas, daria a palavra definitiva e voltaria para o fechamento do negócio. Em sua partida, leva consigo mimos ganhados de Dona Isaura e, além disso, consegue com seu jeitinho, ludibriar Moreira levando de presente seu único e valioso cavalo.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos. Gostara muito da raça de galinhas criadas ali. Também um saco de carás, petisco de que era mui guloso. Levou ainda uma bonita lembrança, o Rosilho do Moreira, o melhor cavalo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios, que o fazendeiro se viu na obrigação de recusar uma barganha proposta, e dar-lho de presente.

— Vejam vocês! — disse Moreira, resumindo a opinião geral. — Moço, riquíssimo, direitão, instruído como um doutor, e no entanto amável, gentil, incapaz de torcer o focinho, como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

À velha agradara sobretudo a sem-cerimônia do jovem capitalista. Levar ovos e carás! Que mimo! Todos concordaram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço encheu a casa durante a semana inteira. (LOBATO, 2008, p. 142)

Os dias, semanas e meses passaram-se sem que a família obtivesse a tão ambicionada resposta da venda definitiva da Fazenda Espigão. Desse modo, o velho Moreira resolveu escrever a um velho conhecido da cidade para que procurasse o Trancoso “capitalista” e lhe desse o recado sobre a venda. A respeito da incumbência, o amigo logo manda uma resposta, que frustra o plano de vender a sua propriedade:

Dizia a carta: “Moreira, ou muito me engano ou estás iludido. Não há por aqui nenhum Trancoso Carvalhais, capitalista. Há o Trancosinho, filho da Nha Veva, vulgo Sacatrapo. É um espertalhão que vive de barganhas e sabe iludir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob vários pretextos. Finge-se às vezes de comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteá-lo com passeios pelas roças e exames de divisas; come e bebe do

bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra — é um vassoura de marca! — e no melhor da festa some-se. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só há este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora, o Sacatrapo a comprar fazenda! Tinha graça. (LOBATO, 2008, p. 142-143)

O caos toma conta da família, que vê aqui encerrado o destino de Espiga para sempre, o grande golpe do malandro rural que vivia a sucatear a confiança e a boa acolhida dos fazendeiros da região, nuance precisa da figura do personagem malandro, pautada por uma vida de golpes, diante da acolhida e confiança de suas vítimas. Outra característica recorrente do personagem malandro é o fato de ele ser conhecido pelo diminutivo de Trancosinho e pela alcunha de Sacatrapo, nomes que desvelam a sua atuação como malandro. Quando é descoberto como um trapaceiro, um ser que vive de dar golpes para sua sobrevivência, os vocábulos utilizados servem para conotar a posição social de um sujeito diminuído e sem valor social.

Diante desta situação, a pobre Zilda solteira, cheia de sonhos e amor por Trancosinho, se vê tomada pela desesperança de ver seus intentos e desejos de casamento arruinados pela mentira e trapaça de seu amado. Entra em choque emocional com a verdadeira identidade do pretendente e cai adoentada de cama, pensando muitas vezes no suicídio. O amor aqui é uma característica vista no personagem malandro e ausente no pícaro espanhol, uma vez que este último é um ser regido pela misoginia. Na passagem transcrita abaixo, notamos a intensidade dos sentimentos de Zilda e a sua decepção, quando descobre a verdade sobre seu pretendente:

Pobres castelos! Nada há mais triste que estes repentinos desmoronamentos de ilusões. Os formosos palácios d’Espanha, erigidos durante um mês à custa da mirífica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. Dona Isaura chorou até os bolinhos, a manteiga e os frangos.

Quanto a Zilda, o desastre operou como um pé-de-vento através da paineira florida. Caiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens trágicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memória; reviu-se na vítima de todos eles. E dias a fio pensou no suicídio. Por fim, habituou-se a essa ideia e continuou a viver. Teve azo de verificar que isso de morrer de amores, só em Escrich. (LOBATO, 2008, p. 143)

Ao final do conto, temos uma reviravolta, já que Trancosinho, movido pela sorte, ganha na loteria e se torna o dono de cinquenta contos, uma grande soma, uma vez que ele nunca havia se deparado com tamanha quantia nos longos anos de malandragem. O dinheiro seria suficiente para voltar até a Espigam comprá-la e concretizar o desejo de tornar-se fazendeiro. Porém, é visível mais uma vez que o personagem é movido pelo desejo de viver um romance com Zilda, uma vez que ele se apaixonou pela moça.

Neste sentido, observa-se que a intenção de Trancosinho era viver uma vida de amor e vadiagem, uma vez que ele tenciona colocar à frente da administração dos negócios o próprio sogro, tendo maior tempo para o desfrute dos requintes culinários da sogra. Ele escreve a Moreira anunciando sua volta e o fechamento da compra da fazenda:

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cinquenta contos, dinheiro que para um pé-atrás daquela marca era significativo de grande riqueza. De posse da maquia, após semanas de tonteira, deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a ideia de meter na administração o sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor da Zilda e os requintes culinários da sogra. Escreveu, pois, ao Moreira anunciando-lhe a volta, a fim de fechar-se o negócio. (LOBATO, 2008, p. 144)

Ao receber a carta, Moreira anuncia o acontecimento à família, que furiosamente se organiza para dar uma lição em Trancosinho, exceto Zilda, que vê suas forças e esperança de casamento renovada pela notícia do regresso do seu pretendente. Ao chegar a seu destino, ele é recebido com uma surra de rabo de tatu, com os cachorros e com palavrões saídos da boca de Dona Isaura, juntamente com uma chuva de pedras, sem ter muito tempo para pensar, sobe em seu cavalo e sai em disparada, não tendo muito tempo para contar o acontecido. Diante deste fato, resta uma questão em aberto e que se refere ao destino de Zilda:

E Zilda?  
Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos.  
Moreira, o caipora, perdia assim naquele dia o único negócio bom que durante a vida inteira lhe deparara a fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga” ... (LOBATO, 2008, p. 145)

Encerra-se desta forma, o ciclo de astúcia, mentira, engano e malandragem por parte dos personagens do conto, consumando na narrativa literária do século XX o reaparecimento de uma figura que traz, para o universo da ficção, resquícios da tradição clássica picaresca carregados e vestidos em novas roupagens: o neopícaro brasileiro.

## Considerações finais

Diante do conto “O comprador de fazendas”, de Monteiro Lobato, podemos confirmar a existência de traços da narrativa literária malandra em consonância com a picaresca espanhola clássica, uma vez que temos personagens com características semelhantes e divergentes, movidos pelo desejo de ascender socialmente e que são movidos pela trapaça, pelo engano e pela mentira.

Trancosinho articula a compra da Fazenda Espigão, baseado na mentira, no desejo de ter longos dias de vida boa, de farta comida, e de dias de descanso, além de se meter em romances com empregadas ou com a filha do patrão. Outra característica recorrente é a itinerância do comprador, que vivia de dar golpes no meio rural. Uma diferença entre o pícaro e o neopícaro é o sentimento amoroso frente à misoginia daquele. No conto de Lobato, não aparece a questão da fome, bastante recorrente nas obras picarescas, mas aparece também um elemento que é comum às duas modalidades narrativas estudadas aqui, que é a preocupação com a aparência, para tentar ascender socialmente.

Dessa forma, notamos que tanto Moreira quanto Trancosinho são neopícaros, pois ambos se valem da astúcia, da mentira, do engano para tentar enganar um ao outro e assim atingir suas metas. Eles podem ser considerados como neopícaros, porque trazem em seu comportamento e em sua atuação elementos que compõem o perfil dos pícaros, mas apresentam também diferenças, conforme comentamos. Sendo assim, valendo-nos das ponderações de Botoso (2010b, p. 10), salientamos que é importante

que se destaque que o malandro não é uma cópia fiel e exata do pícaro espanhol. Ele tem características próprias que muitas vezes o distanciam de seu ancestral, e compará-los é também uma maneira de se verificar as transgressões e mutações que sofreu o anti-herói da literatura picaresca ao migrar para outros âmbitos literários.

Assim, é possível concluir que, tanto o romance picaresco quanto o romance malandro brasileiro são duas modalidades literárias que puseram em destaque uma linhagem literária: aquela que abriga, num território em contínua mutação, pícaros e malandros, seres esses assumidamente instalados nas margens e que consagram, efetivamente, o espaço do anti-herói no universo literário.

Personagens neopícaros, ou malandros, portanto, que se vestem com resquícios da tradição clássica picaresca e tomam para si novos arranjos para poderem concretizar seus intentos de ascensão social e ganharem espaço em solo brasileiro centenas de anos mais tarde, em uma narrativa envolvente, que acaba oferecendo um retrato que abrange não só a sociedade brasileira do passado como a contemporânea, na qual a tentativa de levar vantagem, a corrupção, a tentativa de ascender socialmente sem esforço, o compadrio, ainda são os seus

sustentáculos e a ficção capta essa realidade e a transfere para os seus domínios, na tentativa de levar o leitor, além do deleite, também à reflexão.

## Notas

<sup>1</sup> Informação retirada do site <[http://www.madreclelia.redesagradosul.com.br/wpcontent/uploads/sites/3/2013/04/por\\_1366380173.pdf](http://www.madreclelia.redesagradosul.com.br/wpcontent/uploads/sites/3/2013/04/por_1366380173.pdf)> Acesso em: 01 jun. 2018.

<sup>2</sup> Os dados sobre a vida de Monteiro Lobato foram extraídos do seguinte artigo: “Urupês – resumo e análise da obra de Monteiro Lobato”, disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/urupes-resumo-e-analise-da-obra-de-monteiro-lobato/>> Acesso em: 01 jun. 2018.

<sup>3</sup> Informação retirada do site <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/urupes-resumo-e-analise-da-obra-de-monteiro-lobato/>> Acesso em: 01 jun. 2018.

<sup>4</sup> As três obras que compõem essa tríade são: Lazarillo, de autor anônimo, Guzmán de Alfarache, de Mateo Alemán, El Buscón, de Francisco de Quevedo.

---

## Referências

---

BOTOSO, Altamir. **Um estudo de três momentos significativos da picaresca clássica espanhola**. RevLet, v. 2, n. 1, 2010a. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/16.pdf>> Acesso em: 30 mai. 2018.

BOTOSO, Altamir. **A picaresca espanhola e o romance brasileiro da malandragem**. Diálogo e Interação, v. 3, 2010b. Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/wp-content/uploads/2016/10/diartigos46.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2018.

BOTOSO, Altamir. **Do pícaro ao malandro: uma poética da rebeldia**. 1. ed. Bauru: Canal 6, 2010c.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem caracterização das memórias de um sargento de milícias**. In: Revista do Instituto de estudos brasileiros, nº 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638/72263>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

DAMATTA, Roberto. Pedro Malasartes e os Paradoxos da Malandragem: In: DAMATTA, Roberto. **Carnavais malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara 1990.

GONZÁLEZ, Mário M. **O romance picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.

GONZÁLEZ, Mário M. **Os malandros do pós-milagre**. In: GONZÁLEZ, Mário M. A saga do anti-herói: um estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas correspondências na literatura brasileira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GONZÁLEZ, Mário M. **Nos primórdios da neopicaresca**: Memórias de um sargento de milícias. In: GONZÁLEZ, Mário M. *A saga do anti-herói: um estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GONZÁLEZ, Mario M. Macunaíma. In: GONZÁLEZ, Mário M. **A saga do anti-herói**: um estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas correspondências na literatura brasileira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LOBATO, Monteiro. **O comprador de fazendas**. In: LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2008, p. 132-145.

**SOBRE O CONTO “O COMPRADOR DE FAZENDAS”**. Disponível em: <[http://madreclélia.redesagradosul.com.br/wpcontent/uploads/sites/3/2013/04/por\\_1366380173.pdf](http://madreclélia.redesagradosul.com.br/wpcontent/uploads/sites/3/2013/04/por_1366380173.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2018.

**URUPÊS - resumo e análise da obra de Monteiro Lobato**”, disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/urupes-resumo-e-analise-da-obra-de-monteiro-lobato/>> Acesso em: 01 jun. 2018

---

### Para citar este artigo

---

ARAUJO, Susylene Dias de; Dos SANTOS, Rogério Francisco. **ASTÚCIA E MALANDRAGEM EM “O COMPRADOR DE FAZENDAS”, DE MONTEIRO LOBATO. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 2., JUL-DEZ, 2018, p. 144-158.

---

### Os Autores

---

**Susylene Dias de Araujo** é docente da área de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

**Rogério Francisco dos Santos** é Mestrando em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Campo Grande-MS.